

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

Teve a religião seus seculos de fanatismo, nos quaes se suppoz, que bastava rezar e rezar muito para obter o céo: os maiores criminosos se suppunham perdoados logo, que tinham feito alguma vullosa doação a algum afumado mosteiro; e por isso o assassinato, o roubo, o estupro eram cousas ordinarias e muito ordinarias: Luiz XI de França é a expressão mais viva desse tempo: com o seu chapéo carregado de imagens de santos, ante os quaes se punha de joelhos a cada hora do dia, com tudo não havia meio por mais criminoso, que fosse, que não julgasse poder aproveitar para conseguir seus fins. Mas esses tempos felizmente desapareceram: hoje os homens sabem, que fê sem obra não aproveita, e por isso se rezam menos, tambem commettem menos desses crimes, que horrorisavam a humanidade.

O que aconteceu com a religião, aconteceu tambem com a politica: houve um tempo de fanatismo, em que se suppoz, que certas palavras bastavam para levar os homens á felicidade, e para justificar toda a qualidade de attentados. Seja o ultimo rei enforcado com as tripas do ultimo sacerdote: eis ali a maxima desse tempo: e com essa maxima terrivel, a sociedade era abalada em todos os seus fundamentos: matava-se um porque era unitario, outro porque era federalista; um porque era republicano, outro porque era monarchista; um porque adorava a Deos, outro porque o não adorava. O homem, que tinha a desventura de ter alguma importancia, e por consequencia algum inimigo, estava certo de ser denunciado no primeiro momento, e no mesmo instante de ser sacrificado. Esses tempos felizmente vão desaparecendo: os homens já conceberam, que palavras sem obras nada trazem de bom, e que se querem ser felizes, devem empregar meios convenientes.

Felizmente, dizemos, os homens se vão persuadindo desta verdade; mas infelizmente ainda não está tao geralmente conhecida, ainda ha homens tao ineptos ou de tanta má fê, que nos querem

mergulhar no cháos primitivo. Entre tantas questoes importantissimas, que nos é preciso examinar para organizar nossa sociedade sem organização, a fim de podermos algum dia ser felizes, uma só não ha, que seja competentemente discutida. Debalde lançamos nós ali ao publico, os do partido nacional, alguma ideia sobre os melhoramentos do paiz: nossos adversarios a deixam passar despercebida, de modo, que nao se insitue discussão; e por consequencia não se pôde apurar a verdade. Porque não temos tanto amor proprio, que supponhamos, que a razão sempre está de nosso lado, e que as ideias, que emitimos sejam sempre as mais vantajosas. Mas tambem ninguem procura convencer-nos do contrario. Liberdade, liberdade! despotismo, despotismo! e com estas duas palavras repetidas todos os dias, em todas as columnas de sua folha, cuidam alguns escriptores publicos ter preenchido a sua missão.

Uma crise importantissima ali está á porta: é a conclusão do tratado com a Inglaterra: para aqui chamamos a attenção de todos os nossos collegas no jornalismo. Veio um ministro inglez ao Rio de Janeiro, a fim de renovar esse tratado, ou fazer um novo; suas propostas não foram admittidas; elle se retirou, e para Londres foi nomendo um diplomata Brasileiro com o mesmo fim especial: em que termos para essa negociação não o sabemos nós; mas sabemos, que temos altas questões com a Inglaterra. A ideia de um tratado com a Inglaterra tem sido recebida com desapprovação geral, mas por que não terá andado desvaivada a opiniao publica? São perguntas, que fazemos. Nossos negocios no sul não terão peiorado por não terem sido recebidas as propostas do Sr. Ellis? Não protestarao os Inglezes contra a elevação dos direitos de importação a 20 por cento, em que actualmente se acham? E quem será o juiz, que hade decidir esse protesto? Nossas costas não offerecem toda a facilidade para o contrabando, e não foi este sempre e em todo o tempo um crime popular? Que elevação poderao soffrer os direitos de importação com a cessação do tratado, de modo, que não favoreça

sobre maneira o contrabando? Ha hoje varias ligas de alfandegas, ou cousa que equivale na Europa: ha a liga de Allemanha; ha os esforços da França e da Belgica; ha a antipathia da Hespanha; ha as tentativas da Austria para obter o protectorado commercial da Italia, assim como já tem o protectorado politico: e o Brasil o que deve fazer?

O governo já aventou a sua ideia; já disse: quero tratar com a Inglaterra: e para este fim mandou a Londres um diplomata: não disse as condições com que queria tratar, porque as não podia dizer; mas já alguém o contrariou? já alguém examinou as circumstancias do paiz, e as daquelles povos com quem temos relações, para sabermos donde podemos tirar maiores vantagens? Os maiores acontecimentos ali passam despercebidos. A familia imperial contrahiu uma alliança com a França, e outra com Napoles: por esta e pelas relações de proximo parentesco, que existem entre o nosso soberano e o da Austria, talvez fosse facil conseguir vantagens no mediterraneo. Mas tudo isto que importa? Ninguem olha para essas cousas: ninguem discute os interesses do paiz, contentando-se, os que querem derrocar o ministerio, com miseraveis intrigas de velhas de solheiro. Por ventura a alliança da familia imperial com a real de França, e a antipathia, que actualmente existe entre os Brasileiros e os Inglezes, não poderiam dar mais amplitude ao nosso commercio na Belgica, na França, na Hespanha, e em Portugal? os fins, que tem a Prussia com a sua liga das alfandegas da Allemanha, não a fariam admitir o Brasil a um tratado sob condições muito favoraveis? E o norte da Europa? A Russia, mesmo a Suecia e a Dinamarca não carecem absolutamente de nossos productos? e não carecemos nós dos seus?...

Questões importantissimas são estas, que bem mereciam profundo exame, e que tendo já o gabinete manifestado uma opinião, subministravam armas a seus adversarios para gloriosos combates. Mas os adversarios do gabinete, parece que nem sabem, que haes paizes ou taes interesses existem no mundo. Pois imos nós despertar-os: imos chamar a sua attenção; imos dar-lhe materia para poderem fazer opposição, que valha.

Desgraçados! nem ao menos sabem combater! nem ao menos escolher campo. em que combatam! Verdade é, que para isso é preciso estudar, examinar livros, reflectir: palavras soltas a esmo, fóllas declamações não bastam: e o estudo e o saber não é o forte dos adversarios do gabinete. Porém ao menos mostraremos assim a sua nullidade, a sua ignorancia, e a sua má fé. Sim, que bem devem elles saber, que para administrar o paiz é preciso alguns conhecimentos positivos, e esses sabem, que os não tem: sabem perfeitamente, que seus fins não são promover o bem publico, e somente os seus interesses particulares.

Temos tocado em um só ponto dos muitos

que no mesmo sentido poderiam os tratar; mas o artigo vai longo.

ELEIÇÃO DE SENADOR.

No dia 14 do corrente se deve proceder á eleição de senador, que vagou por morte do Sr. Feijó: a liça se abriu: os concorrentes entraram em combate: mas quem foram, ou quem são os combatentes?

Esta pergunta não é tão futil, como á primeira vista pôde parecer; porque a resposta á ella, é a demonstração mais perfeita de uma verdade, que por vezes temos por esta folha querido fazer conhecer: e vem a ser, que entre nós não ha partido de opposição, ao menos nesta provincia: que pôde haver descontentes com o ministerio, mas isso não basta para dizer-se opposição; e por tanto, esses que ali maldizem do systema ministerial, ou não são mais do que pretendentes aos logares, que devem ficar vagos pela demissão dos ministros, ou então tem fins que não se atrevem a apresentar ao publico. Por vezes o temos dito: a indole do systema representativo exige, que todas as opiniões, que querem triumphar, appareçam em publico, a fim de serem discutidas, e de irem pouco e pouco, ou de xofre, conforme poder ser, calando o animo da população. O governo representativo pôde definir-se o governo da paciencia. Cada qual, que se julga com sufficiencia, apresenta suas opiniões em publico; mas como não deve suppor, que todos só por esse facto fiquem pensando de tal modo, renunciando a suas ideias anteriores, não tem remedio senão esperar tempo, muito ou pouco, conforme as circumstancias; esperar que essas ideias tenham entrado no animo de todos a fim de triumphar.

Varios são os meios, que o governo representativo dá para este fim: é a tribuna, e a imprensa, são as eleições. Nestas tambem se debatem principios, porque os homens, os symbolisam: o combate dos candidatos, é o choque das opiniões. Um candidato é muitas vezes apresentado, não tanto para que vença, como para protestar contra outros candidatos, que se apresentaram: não tanto para triumphar, como para protestar; não tanto para obter as honras da eleição, como para fazer ver á nação certos principios, que esse individuo symbolisa, a fim de que se ella decida, e a fim de que se na occasião se não obtiver o triumpho, algum dia se obtenha. E se nunca se obtiver, a fim de que se adquira um desengano.

Não é por tanto futil esta pergunta: quem são os combatentes, que se apresentam a disputar a cadeira senatoria? Sabemos, que são dous ministros, sabemos que é o Sr. Saturnino de Sousa e Oliveira, porque elle mesmo o disse; e dizem-nos, que é o Sr. Andréa.

A imprensa tem-se occupado com este objecto: e o grande partido da nação, o partido da ordem.

o partido do ministerio, tem conseguido nesta polemica, um muito grande triumpho. Essa, que se intitula opposição, e a que sempre temos dado o nome de facção, porque esse é o seu verdadeiro titulo, tinha agora boa occasiao de justificar-se de quantas accusações lhe temos feito, e mesmo de justificar tudo quanto pela imprensa tem dito. Diz que tem a grande maioria da nação em geral, e desta provincia em particular; que os seus principios são os de todos; que os ministros, e aquelles que os apoiam, tem a execração geral. E nós lhe dizemos, que tudo é falso; que essas duas folhas, que ali apparecem, são duas individualidades, que nada representam: que os principios por ellas proclamados, são geralmente odiados. Era occasião de ali apparecer algum chefe desse grupo, e dizer: — tambem eu quero ser senador: — e a ser verdade o que dizem, e falso o que dizemos, apresentar uma votação unanime ou quasi. Mas não: tudo jaz mudo: já não tres, porém nem um só candidato se apresenta para quebrar a chapa, que dizem de ferro.

Esses homens têm ao menos um pensamento politico, que se atrevam a apresentar ao publico? Não: ou elles não tem ideia politica alguma, ou se as tem, são taes, que não se atrevem a enuncial-as. Filhos das trevas, é só nas trevas que trabalham; verdadeiras corujas, a luz lhes offende os olhos.

E' verdade, que o Sr. Saturnino de Sousa e Oliveira, ali se apresenta candidato, e diz-se geralmente, que tem ido lançar-se aos pés dos mais furiosos chefes da facção, a pedir-lhe votos; mas será isto verdade? Será, será, porque em tempo de eleições estão suspensas as garantias da honra e da probidade. Todavia se é certo, que esse candidato conta com o apoio da *soi d'vant* opposição, tambem não é menos verdade, que já foi obrigado a passar por baixo das forcas caudinas; já o Sr. Joaquim Breves declarou pela imprensa, que não empregava em favor d'elle a sua influencia, e já alguém em nome do Sr. barão do Bom Fim declarou, que este Sr. só pedia votos para o nobre candidato, por estar na firme convicção, de que é elle ministerial decidido. Mas temos nossas duvidas em acreditar na palavra do Sr. Breves, e supponmos, que o Sr. Bom Fim vai enganado, e muito enganado. E se não por que é, que o Sr. Saturnino não quer ser explicito em suas declarações? pois o nobre candidato não teve duvida declarar ha tao pouco tempo, que não queria ser deputado geral, nem provincial; não teve duvida declarar, que queria ser senador; mas não se atreve a declarar se é ministerial ou não? *Latet anguis in herba*. E sem fazer longos calculos, o — x — desta equação pôde ser tirado com facilidade, e por um modo, que não é airoso ao Sr. Saturnino; pôde explicar-se, que não quer S. Exc. declarar-se não ministerial, para não perder o logar de inspector da alfandega; pôde explicar-se, que conhecendo não bastante o apoio dos

adversarios do governo, quer obter, como com effeito tem obtido o dos alliados; pôde explicar-se, que a alguém promette elle, no caso de ser eleito, uma crise ministerial, e tanto que já os inglezes, diz-se contam com ella, e logo depois com a renovação do tratado, vistas as ideias financeiras, que foram publicadas em um folheto. Qualquer destas explicações não é airosa a S. Exc.; não as pôde elle deixar de suppor; e todavia com seu silencio dá-lhes ainda mais força!

Em resumo o que concluimos, é que mesmo o Sr. Saturnino, apezar de toda a sua cortagem, não se atreve a apresentar-se em opposição, que tão perdida anda a causa desta! Se conseguir esse Sr. entrar na lista triplice, ainda assim não soffre derrota o partido da ordem; pelo contrario, é ainda um triumpho seu.

E concluimos ainda mais, que no partido ministerial, ou pelo menos, nas sumidades d'elle, ainda não ha facção, ainda não ha divergencia; ainda marcha unisono. E assim ficam desmentidos todos esses pregões do *Pharol* e do *Nacional*; assim se acha desmentido o proprio Sr. Joaquim Breves, que na sua correspondencia assevera ter o ministerio muitos inimigos. Se os tem, porque não apparecem? Candidatos são dous ministros, haja quem lhes dispute o logar. Nada de palavras, que não adubam sopas; venham obras.

E' notavel, que seja o partido no poder, que chame á campo os seus adversarios, entretanto, que estes se mettem na concha, e não se atrevem a sair. Queremos o combate; provocamol-o: não o combate com as armas na mão, porque temos sim a certeza de vencer, mas a lei o prohibe; mas o combate da discussão, o combate, que por muito, que quer, que exige o systema de governo, que adoptamos; o combate nas eleições, o combate na imprensa, o combate na tribuna; o combate da discussão nós o provocamos. Porque não apparecem contendores? Provocamos a opposição, e a opposição não apparece!

Mas ella hade apparecer; bem o receamos; hade apparecer á maneira de Sorocaba e Barbicena; por que os adversarios do gabinete não conhecem outra, ou pelo menos fogem della. Hade apparecer, porque não é possível, que uns tenham renunciado a seus desejos de vingança, outros a seus desejos de subir ao poder, para terem honras, influencia, e dinheiro. Os adversarios do grande partido nacional, foram vencidos na Venda Grande, e fugiram em Sorocaba; foram derrotados em Santa Luzia; mas seus chefes ali existem, esses que trabalham por detraz da cortina, ou mesmo, que se apresentam á frente dos movimentos, que duas, tres, quatro mil testemunhas, viram, mas que depois tem a impudencia de o negar, que elevados á primeira classe da sociedade, na occasião de responder por suas acções, agacham-se, e querem fazer-se tão pequeninos como mosquitos: que na

distribuição das honras, querem gra-cruzes, mas que na hora do perigo desaparecem, como se nunca existiram. Todos esses chefes existem; e infelizmente fácil lhes é alistar soldados, porque sempre ha uma porção de gentallia, que corre onde houve gritos. Recemos pois, que esses homens appareçam ainda, do modo, que já appareceram, modo reprovado pelas leis, e por todos os principios do systema representativo. Mas combate legal da parte delles, isso não recemos nós: já os conhecemos; já sabemos com quem contamos; não são capazes de o empenhar: antes o fossem.

A FACÇÃO E O RIO GRANDE.

Por vezes temos dito nesta folha, que os rebeldes do Rio Grande devem sobre tudo ser combatidos e vencidos na côrte, porque d'aquí é, que lhes vão as insinuações e as ordens; e elles vivem ou definham, conforme na côrte vivem ou definham seus alliados. Muitos factos temos apresentado em abono desta nossa maneira de pensar; temos um mais fraco, e que igual prova nos dá. Foi apanhada na bagagem de Neto uma carta de pessoa da côrte, na qual se lhe mandava dizer, que contasse com o apoio de tres pessoas influentes; que fosse demorando a luta, porque mudanças deviam aqui apparecer, as quaes seriam favoraveis á causa rio-grandense. Já em outro numero tínhamos dito alguma cousa aos nossos leitores a respeito do apparecimento desta carta; mas nossas noticias não eram tão positivas, como agora são, e por isso não podemos ser muito explicito.

Quem serão essas tres influencias? Rogos tinham sido feitos ao barão de Caxias, para que fizesse publicar essa carta, mas o barão se recusou a isso. Cuidamos, que não fez bem: cuidamos, que essa publicação seria muito util; ficariamos sabendo quem são esses protectores da rebellião. E podendo muito bem acontecer, que se dessem como fautores da rebellião, homens talvez bem inimigos d'ella, menor vantagem tirariamos dessa publicação, por que daria logar a explicações, daria logar a desenlear essa meada, que tão enredada tem andado, e que tempo é de acabar.

Desengane-se porém o governo, desengane-se o publico, e se ainda alguém ha, que pense o contrario: principaes fautores da rebellião do Rio Grande não são os Netos, Bentos Gonsulves, Canabarras: estão mais perto; estão aqui na côrte, aqui devem ser combatidos. A rebellião é uma arvore, cujas raizes estão na capital do imperio, e cujos ramos se estendem por essas provincias. Combatida lá, torna facilmente a rebentar; para que possa de uma vez ser extincta, é necessario que seja cortada pela raiz.

OS TESTAS DE FERRO.

O redactor do *Pharol* quiz ir defender o seu responsavel para mostrar aos jurados, qual a razão

por que os redactores procuram testas de ferro. E servia isso para demonstrar a culpabilidade ou não culpabilidade do réo? Apresente esses motivos pela imprensa, a fim de serem discutidos. E até porque se forem importantes, queremos tambem ter um testa de ferro. É um serviço, que nos fará o contemporaneo. Até agora entendiamos nós, que o redactor de uma folha se ennobreceia apresentando-se a responder por suas opiniões; e que só lhe era licito chamar cyrineo, quando absolutamente o não podesse fazer. Talvez, que as razões do contemporaneo nos convençam do contrario: e então queremos ter o gosto de tambem ter n'osso testa de ferro para responder por nós. É tão bom viver descansado, e certo de não correr risco.

CORRESPONDENCIA.

Sr. redactor. — Queira dar publicidade ao seguinte trecho de uma carta que recebi do Pará em data de 17 de novembro. O facto que cita, é da maior importancia para os nossos politicos.

Brasileiro.

... V. sabe, que não é permitido á estrangeiros navegarem no interior, e por isso os presidentes Andréa, Franco, Miranda, e ultimamente Silva Pontes, não permitiram, que o commandante de um brigue de guerra Francez, á pretexão de explorar as nossas costas, remontasse o Amazonas. Esta denegação, principalmente hoje em dia, em que as nações limitrophes pretendem usurpar-nos o nosso territorio da Goyana, era fundada em principios de politica. No entanto o actual presidente, o Sr. Thomaz Henriques, acaba de permitir ao tal commandante o poder remontar, e explorar o Amazonas, permissão que lhe fôra sempre negada, como dito fica, até promettendo elle empregar nessa exploração um barco nacional. Ora, sendo a commissão do tal official francez examinar as costas do Brasil para emendar os erros, que possam haver nos mappas, ou cartas, creio que devia limitar-se á cartas maritimas, portos e enseadas, em que navegam os navios do commercio, e não os rios, só navegados pelos barcos nacionaes. Isto tem dado que pensar a muita gente; e tem causado grande desgosto aos Paraenses, amigos de seu paiz. Neste vapor vai o coronel Manoel Muniz Tavares, homem de grande prestigio no alto e baixo Amazonas: elle informará o governo de tudo, &c. &c.

— Dando publicidade á correspondencia acima, não é de nossa intenção decidir-nos entre os partidos do Pará, sómente chamar a attenção do publico e do governo sobre este facto, que julgamos de bastante importancia. Tambem não somos d'aquelles, que entendem se deva recusar uma exploração scientifica; mas são necessarias para este objecto muitas precauções. A França em guerra com a Inglaterra deu ordem para que não fossem incommodados os navios da expedição de Cook: este exemplo é digno de imitação; mas é necessario, que não haja abusos: e o abuso é facil. Os francezes occuparam ha poucos annos parte de nosso territorio: desoccupatão-o deixando as cousas no estado anterior a occupação: quererao fazer reviver suas pretensões? essas explorações serão para esse fim? Não o affirmamos, mas tambem não o negamos.